

EUDAIMONIA E MEIO AMBIENTE NO PENSAMENTO DE ROUSSEAU: HARMONIA DO SER HUMANO E A NATUREZA

EUDAIMONIA AND THE ENVIRONMENT IN ROUSSEAU'S THOUGHT: HARMONY OF HUMAN BEINGS AND NATURE

Pedro Calixto¹
Marcos Antonio J. S. Leal Junior²

RESUMO

O presente estudo realiza uma análise sobre a relação entre ser humano, sociedade e natureza a partir do pensamento de Jean-Jacques Rousseau; pensador europeu inserido em uma vasta tradição político-antropológica que busca compreender a existência humana, tanto em sua dimensão essencial como relacional. Neste sentido, Rousseau evidencia uma contradição: o desenvolvimento técnico e cultural, embora necessários, também podem acarretar na degradação da natureza e da essência humana. Foram escolhidas obras como *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, *Discurso sobre a Origem e o Fundamento da Desigualdade* e *Devaneios de um Passeante Solitário*, justamente por permitirem examinar as consequências da alienação humana acerca de sua relação com o mundo, demonstrando, ainda, a busca por harmonia como horizonte último de satisfação. Uma posição crítica diante das relações sociais e da necessidade de estima e reconhecimento alheios. No *Devaneios*, por exemplo, Rousseau reflete sobre a felicidade e a relação com a natureza, que, preservada, possibilita um refúgio das pressões sociais e um encontro com o verdadeiro “eu”. Trata-se de uma crítica ao amor-próprio, à busca por posses e por honrarias; aspectos que distância a humanidade do amor-de-si e da piedade para com os outros.

Palavras-chave: Rousseau; Natureza; Meio Ambiente; Felicidade.

ABSTRACT

*The present study analyses the relationship between human beings, society and nature from the thought of Jean-Jacques Rousseau; European thinker inserted in a vast political-anthropological tradition that seeks to understand human existence, both in its essential and relational dimensions. In this sense, Rousseau highlights a contradiction: technical and cultural development, although necessary, can also lead to the degradation of nature and the human essence. Works such as *Discourse on the Sciences and Arts*, *Discourse on the Origin and Foundation of Inequality* and *Reveries of a Solitary Stroller* were chosen, precisely because they allow us to examine the consequences of human alienation about its relationship with the world, also demonstrating the*

¹ Graduado, Mestre e Doutor pela Universidade de Paris Sorbonne. Pós-Doutoramento pela Universidade de São Paulo sob a orientação de Moacyr Ayres Novaes Filho. Ex-professor da *Universitas Catholicas Parisiensis* - PUC - Paris. Professor na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Pesquisador junto ao CEPAME - Universidade de São Paulo. E-mail: pedro.calixto@ufjf.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0104971775700240>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6283-1836>

² Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Graduando em psicologia pela Faculdade Metodista Granbery, Juiz de Fora. E-mail: marcosantonio.leal@estudante.ufjf.br. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6260682119889053>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3930-1910>

search for harmony as the ultimate horizon of satisfaction. A critical position in the face of social relations and the need for esteem and recognition from others. In *Reveries*, for example, Rousseau reflects on happiness and the relationship with nature, which, if preserved, enables a refuge from social pressures and an encounter with the true "I". It is a criticism of itself-love (*amour-propre*) like the search for possessions and honours; aspects that distance humanity from self-love (*amour de soi*) and pity for others.

Keywords: Rousseau; Nature; Environment; Happiness.

INTRODUÇÃO

Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778), um dos mais ilustres pensadores do iluminismo, que muito influenciou a revolução francesa, foi um notável filósofo nascido em Genebra, na Suíça e um grande pensador da relação humana com a natureza. Em sua obra *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade humana*, por exemplo, o autor elaborou uma ficção filosófica segundo a qual a felicidade humana, ou sua infelicidade, dependiam intimamente de sua relação com a natureza (mundana e interior).

Ao longo de sua vida Rousseau trabalhou como copista e preceptor. Residiu na França, para onde se mudou em 1741, vindo a estabelecer-se em Paris. Formou relações estreitas com Diderot e com outros enciclopedistas, vindo a romper sua relação com o grupo cerca de 17 anos depois, devido a divergências teóricas.

O genebrino, tendo aderido ao grande movimento das *Luzes*, rapidamente alcançou grande destaque como escritor e filósofo, chegando a conquistar um prêmio concedido pela Academia de Dijon, graças a sua obra *Discours sur les Sciences et Les Arts* (1750): texto em que inicia as discussões sobre problemas que serão centrais para sua aceção teórica, a saber: a relação dos homens consigo mesmos, com os outros e com a natureza, construindo uma tese controversa e crítica à ciência.

Com uma vida de relacionamentos conturbados, Rousseau foi convidado por Hume para estabelecer-se na Inglaterra, mas rapidamente retornou a França onde se dedicou a escrever suas últimas obras: *Les Confessions; Rousseau, Juge de Jean-Jacques; e, Rêveries du Promeneur Solitaire*. Isolado e recluso, assombrado com as perseguições que sofreu por conta do conteúdo transgressor de sua literatura, Rousseau morreu sozinho em 1778, em uma cidade próxima a Paris chamada Ermenonville.

No devir histórico-temporal do pensamento humano, foram muitos os discursos, as narrativas e teorias que visaram, de alguma forma, pormenorizar conceitualmente as características particulares do existir humano e a sua relação com a natureza, de tal modo que o pensamento de Rousseau se insere numa longa tradição antropológica.

Neste sentido, no ocidente, os contos da mitologia Grega, antes mesmo da filosofia, já haviam cumprido o papel de delimitar e disseminar uma certa perspectiva de mundo e de ser humano, de modo que se poderia conceder aos espetáculos das grandes tragédias, de Hesíodo e Homero até Rousseau, por exemplo, um papel primordial na construção e solidificação da cultura e da identidade do humano e de sua relação com o meio ambiente, com as forças da *naturae*. Na verdade, desde seu surgimento a humanidade tentou domesticar, domar, de certa forma, essas forças diante das quais se sentia ínfimo.

Fizeram-no, mas de maneira comunitária devido a impossibilidade mesma de uma existência não autárquica. A cultura mostra-se imanente às relações humanas, basilando seu conjunto de crenças, práticas, costumes e tradições que, compartilhados através da linguagem entre muitos indivíduos, fazem destes um grupo, uma comunidade ou uma sociedade. Eis o solo a partir do qual os indivíduos podem desenvolver e enunciar suas ideias; eis, também, o motivo pelo qual algumas ideias se prolongam através dos séculos, eis, enfim, porque da cultura surgiu a técnica.

Rousseau, após a revolução cartesiana com sua *Mathesis Universalis*, que muito progresso trouxe à humanidade, foi um dos primeiros pensadores a tomar consciência de que a evolução tecnológica, acompanhada de seu progresso indubitável, só foi possível com os indivíduos da espécie humana não vivendo isolados, isto, pois: “*Et jusqu'à quel point pourraient se perfectionner, et s'éclairer mutuellement des hommes qui, n'ayant ni domicile fixe ni aucun besoin l'un de l'autre, se rencontreraient [...] sans se connaître, et sans se parler*”.³

Postas tais considerações, os questionamentos de Rousseau evidenciam uma ligação necessária, aparentemente intransponível, entre o indivíduo e a sociedade que o reconhece ou propulsiona o entendimento. Ligação necessária, portanto, entre o indivíduo e a alteridade que, juntos, formam uma sociedade.

Esta não-autarquia, essa inadaptação natural ao meio ambiente que levou o homem à cultura e da cultura à tecnologia, seria promotora da felicidade? Não seria ela, também, causa de degradação de uma natureza ainda mais profunda que a social? Parece-nos que para Rousseau o ser humano é habitado por uma contradição: de um lado, não subsistiria sem a alteridade devido a sua impossibilidade de existência não autárquica; do outro, sua culturalização culmina numa relação nefasta para com a natureza em si, e com a natureza humana em específico, gerando um ser dependente, servil e dominador a tal ponto que, tentando dominar o outro, dominaria sua própria natureza; servos por subsistência ou por subordinação aos vícios; nefasto para a natureza como totalidade. Eis, então, os problemas que analisaremos no presente capítulo.

Para atingir tais objetivos, antes de contextualizar quais as circunstâncias culturais que circundaram a vida e o desenvolvimento da concepção rousseuista de ser humano em seu estado de natureza, veremos os fundamentos que nos distanciaram da natureza, criando assim estado de desarmonia e infelicidade; em seguida, veremos quais as soluções que nos propõe Rousseau para tal questão de suma importância, sendo imperativo investigar quais eram as inquietações do autor acerca do esclarecimento e da cultura - pois tal relação parece se prolongar até os valores contemporâneos, o que implica numa comunhão entre a época de Rousseau e a contemporaneidade.

Desta maneira serão aqui analisadas com mais atenção as obras: *Discours sur les Sciences et Les Arts* (1750); *Discours sur l'origine et le fondements de l'inégalité parmi les hommes* (1754); e *Les rêveries du promeneur solitaire* (c.a. 1778-1979)⁴.

3 ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes (1754)**. Les Échos du Maquis, Édition électronique, Vol. 1. 2011. p. 31. Tradução Livre: “E até que ponto poderiam se aperfeiçoar, e se esclarecer mutuamente os homens que, não tendo nem domicílio fixo, nem alguma necessidade um dos outros, se encontrariam [...] sem se conhecer e sem se falar?”

4 Respectivamente: Discurso Sobre as Ciências e as Artes (1750); Discurso sobre as Origens e os Fundamentos das Desigualdade entre os Homens (1754); O Contrato Social ou os Princípios do Direito Político (1762); Os Devaneios de um caminhante Solitário (1789).

I A QUESTÃO DA TÉCNICA: O QUE PROMOVE O ESCLARECIMENTO?

Oriundo do século XVII, Rousseau compartilhava com seus contemporâneos o desprezo pelo período cristão-medieval e via com bons olhos o humanismo crescente no seio do *renascimento*. Era o momento das luzes, onde este “renascer” da cultura denotava, antes, um retorno aos ideais nascidos na antiguidade clássica - com a valorização do *Logos* e de sua capacidade ordenadora, aprazível para vida política e para as ciências.

O tema em questão foi detidamente abordado na obra *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (*Discours sur les sciences et les Arts*), escrita em 1749; um texto inaugural, que contém a maior parte das inquietações e das posições teóricas que Rousseau viria a assumir, mas ainda em estágio embrionário. De imediato, espanta o fato de que Rousseau, já neste primeiro ensaio destinado a responder uma questão proposta pela Academia de Dijon - cujo concurso ele ganhou - defendia uma tese crítica acerca dos possíveis benefícios que as ciências e as artes teriam suscitado na humanidade, tendo sido o único autor que ousou enveredar pela questão através de uma negativa.

Assim, coloca a questão se, de fato, a emergência das ciências e das artes conduziriam a um aprimoramento da cultura, Rousseau expõe, de início, a direção e as dificuldades de sua obra: “[...] rentrer en soi pour y étudier l’homme et connaître sa nature, ses devoirs et sa fin.”⁵

Eis enunciado, pois, o objeto fundamental da filosofia rousseauísta, o homem e seus deveres éticos, os quais devem ser adequados à finalidade ordenadora da natureza. Neste sentido, importa a harmonia geral do indivíduo para com o todo - a *Eudaimonia* - cujo acento perdemos com a estima dos valores oriundos da sociedade técnica em detrimento do que nos logra a natureza. Este será o terreno da crítica de Rousseau ao seu tempo em geral e às ciências e às artes em particular, as quais merecem ainda hoje atenção.

Trata-se, então, no ponto teórico-metodológico, de observar a interdependência entre os fenômenos analisados, observados socialmente, em comunhão com o que lhes fundamenta e com o que eles promovem. Desta forma, por exemplo, Rousseau discerne o culto às artes como permeado de uma vantagem, quer seja: a de tornar os homens mais sociáveis, inspirando-lhes desejos e obras para a sua recíproca aprovação, mas dando continuidade afirma:

Tandis que le gouvernement et les lois pourvoient à la sûreté et au bien-être des hommes assemblés, les sciences, les lettres et les arts, moins despotiques et plus puissants peut-être, étendent des guirlandes de fleurs sur les chaînes de fer dont ils sont chargés, étouffent en eux le sentiment de cette liberté originelle pour laquelle ils semblaient être nés, leur font aimer leur esclavage et en forment ce qu’on appelle des peuples policés.⁶

5 ROUSSEAU, J-J. **Discours sur les Sciences et Les Arts (1750)**. Les Échos du Maquis, Édition électronique Vol. 1. 2011. p. 8. Tradução livre: “[...] penetrar em si mesmo para estudar o homem e conhecer sua natureza, seus deveres e seu fim”.

6 *Id.*, 2011. p. 8. Tradução Livre: “Enquanto o governo e as leis promovem a segurança e o bem-estar dos homens reunidos, as ciências, as letras e as artes, menos despóticas e talvez mais poderosas, estendem guirlandas de flores sobre as correntes de ferro em que estão carregados, sufocam o sentimento da liberdade original para o qual pareciam ter nascido, fazem com que amem sua escravidão e formam o que chamamos de povos policiados”

Fica explícito, portanto, o destino observado por Rousseau quando convocado a discernir sobre a relação entre o restabelecimento das ciências e das artes, pelo que se subentende o movimento renascentista, e o possível aprimoramento dos costumes. O filósofo não pode, sem ressalvas, atacar uma cultura da qual faz parte, mas não deve, igualmente, pela responsabilidade mesma de sua atividade, eximir-se de apontar nela suas incoerências aparentes e suas fundamentações longínquas. E, em torno destas exigências, Rousseau reconhece nas artes e nas ciências uma parte do esforço humano para sair de um contexto pior que o da ignorância, as trevas que o autor via obscurecer a vida no medievo. No entanto, é pela mesma exigência que ele observa a dependência intrínseca entre as artes e o luxo, entre a ciência e a ociosidade, entre estas e a primazia do orgulho, da vaidade e das honrarias como modo de soberba na sociedade.

Trata-se de uma crítica contundente, em que os avanços técnicos da cultura, tomados como objetos a serem analisados, cedem espaço às elaborações cujo foco são os valores sociais, opostos à isonomia, à harmonia e, portanto, contrários à *eudaimonia*. Vemos, nestes termos, o exemplo nostálgico ao qual Rousseau nos remete:

On ne peut réfléchir sur les mœurs, qu'on ne se plaise à se rappeler l'image de la simplicité des premiers temps. C'est un beau rivage, paré des seules mains de la nature, vers lequel on tourne incessamment les yeux, et dont on se sent éloigner à regret. Quand les hommes innocents et vertueux aimaient à avoir les dieux pour témoins de leurs actions, ils habitaient ensemble sous les mêmes cabanes; mais bientôt devenus méchants, ils se lassèrent de ces incommodes spectateurs et les reléguèrent dans des temples magnifiques.⁷

Eis, pois, um excerto no qual Rousseau descreve a separação ou, mesmo, a dicotomia do homem e da natureza que a técnica trouxe com seu desenvolvimento. A obra, sobre as consequências obtidas com a evolução das ciências e das artes, tem, então, como objeto central o conceito de felicidade como movimento natural de tudo aquilo que existe e que, no entanto, a “evolução” das luzes e da técnica de seu tempo que a acompanha parecem se oporem; De fato, as ciências e as artes dependem de costumes os quais são opostos à harmonia natural do homem consigo mesmo, como na intersecção observada por Rousseau entre o advento das ciências e a necessária ociosidade que enseja o trabalho observacional e especulativo do cientista. Nota-se que a causa desta infelicidade vem justamente por uma ruptura entre meio ambiente, a natureza humana para com a natureza como um todo, ruptura da simplicidade para com uma complexidade nefasta.

Rousseau aqui insiste que a corrupção parece irreversível, pois trata-se apenas de lembrança, e indica, na construção e no isolamento de uns em templos magnânimos, o destino perverso e estimado pelas condições sociais. Ora, as lembranças de um passado feliz, infelizmente, podem nos tornar infelizes. A natureza quando intocável pela mão do ser humano é simples, e sua harmonia é tal que não se

7 *Id.*, 2011. p. 20-21. Tradução livre: “Não se pode refletir sobre os costumes, sem o prazer de se lembrar da imagem da simplicidade dos tempos primordiais. Trata-se de uma bela margem de um rio, adornadas simplesmente pelas mãos da natureza, em direção da qual dirigimos incessantemente os olhos, da qual nós não nos distanciamos senão com tristeza. Quando os homens inocentes e virtuosos amam ter os Deuses como testemunho de suas ações, eles habitavam juntos sobre a mesma cabana; mas, assim que se tornam maus, eles se cansam desses incômodos espectadores e os isolam nesses templos magníficos.”

pode, sem dificuldade, retirar-nos dela nosso olhar. É justamente essa harmonia que nos atraindo incessantemente nos torna felizes. *Ad contra*, é o distanciamento dela que inicialmente nos torna nostálgicos e, *in fine*, infelizes por nos deixar na memória um paraíso perdido à jamais.

Os homens tornam-se perversos a medida em que o luxo como a escravidão mostram-se como o castigo dos orgulhosos esforços da humanidade para saírem da ignorância original⁸. Os políticos de seu tempo, Rousseau expressa algo não inatural, longe de se preocuparem com os costumes e as virtudes, falam apenas de comércio e de dinheiro; avaliam homens como o fazem com gado, e um cidadão passa a valer para o Estado a medida de seu consumo, “[...] et que deviendra la vertu, quand il faudra s’enrichir à quelque prix que ce soit?”⁹. Pergunta cara aos tempos de capitalismo neoliberal.

Assim, se o filósofo pôde encontrar nas ciências e nas artes estimas opostas à harmonia, associadas ao orgulho e a vaidade; se em seu tempo pôde ver com temor a ganância e a volúpia do comércio, o luxo e o enriquecimento desenfreados, ao encontrar tais relações, as condenou como opostas à virtude e à moral, denunciando-as como símbolos da decadência em que a socialização lançou os indivíduos.

Resta, no entanto, além de seu esforço intelectual, a necessidade de justificar o estado anterior, de liberdade original, a qual se referiu logo no início da primeira parte de seu *Discurso* (1750). Esta tarefa Rousseau a tomará no *Discurso sobre a origem e o fundamento das desigualdades entre os homens* (1755), em que, valendo-se novamente do método indutivo, discernirá as características da vida humana antes da socialização - o chamado Estado de Natureza.

Assim, diante da necessidade de pensar meio ambiente e as relações entre homem e natureza desde Rousseau, faz-se explícito, primeiro, o fato de que é a própria socialização que se opõe à felicidade e ao viver isonômico originário dos homens; que lhes impõe o esclarecimento da razão e, portanto, o aperfeiçoamento das indústrias. O uso da razão, por conseguinte, não é natural, mas adquirido. A sociedade torna-se a principal promotora da degeneração da ética humana - agora pensada somente a partir do indivíduo - que, estando situado em comunidade, passa a dirigir seu olhar predominantemente para fora de si; os homens passam a apreciar-se e distinguem-se mutuamente, donde nascem os sentimentos de soberba e a vaidade, das quais nascem igualmente a necessidade de honrarias e de reconhecimento que, não sendo uma condição do indivíduo sobre si mesmo, expressa o momento onde “Être et paraître devinrent deux choses tout à fait différentes [...]”¹⁰, visto que também dirá Rousseau:

Mais dès l’instant qu’un homme eut besoin du secours d’un autre; dès qu’on s’aperçut qu’il était utile à un seul d’avoir des provisions pour deux, l’égalité disparut, la propriété s’introduisit, le travail devint nécessaire et les vastes forêts se changèrent en des campagnes riantes qu’il fallut arroser de la sueur des hommes, et dans lesquelles on vit bientôt l’esclavage et la misère germer et croître avec les moissons.¹¹

8 Dirá Rousseau: “Voilà comment le luxe, la dissolution et l’esclavage ont été de tout temps le châtement des efforts orgueilleux que nous avons faits pour sortir de l’heureuse ignorance où la sagesse éternelle nous avait placés.” (*Id.*, 2011, p. 15); Tradução Livre: “Eis como o luxo, a dissolução e a escravidão foram em todos os tempos o castigo dos esforços orgulhosos que nós fizemos para sair da feliz ignorância em que a sabedoria eterna nos colocou”

9 *Id.*, 2011, p. 19. Tradução livre: “[...] e o que será da virtude, quando for necessário enriquecer a qualquer preço?”

10 *Id.*, 2011, p. 52. Tradução livre: “Ser e parecer tornaram-se coisas totalmente diferentes [...]”

11 Rousseau, Jean-Jacques. *Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les hommes* (1754). *Les Échos du Maquis*,

Inicia-se, a este modo, a sociedade civil; no instante em que um indivíduo passa a contar com a necessidade do outro, seja em sua presença ou em seu trabalho, mas, sobretudo, no momento em que se delimita as cercanias de uma propriedade. Nestes termos, avançando em pontos que serão retomados adiante, a passagem do amor-de-si (amour de soi) deixa lugar o amor-próprio (amour propre) e concede-nos um bom exemplo dos impactos civilizatórios e do papel da propriedade na psicologia individual, cujo centro deixa de ser a autoconservação e torna-se o reconhecimento de sua estima - tal como se expôs quanto a aquisição das luzes e do luxo. Da passagem da liberdade para a servidão, ou da virtude ingênua às volúpias adquiridas, há, intransigentemente, a presença da ideia fundamental de propriedade. Se não pode haver apropriação, senão através do trabalho, como discerniu Rousseau¹², não haveria amor-próprio caso o indivíduo não se tomasse como fruto consciente da necessidade de reconhecimento alheio; pois, adquirindo, insensivelmente e comparativamente a ideia de mérito “Chacun commence à regarder les autres et à vouloir être regardé soi-même, et l'estime publique eut un prix.”¹³. Nasce a ternura, certamente, mas pela ambivalência das mais ternas paixões, o ciúme, a injúria e o ódio, ajudam a semear a terra com o sangue humano.

II A FICÇÃO FILOSÓFICA DE UMA HARMONIA COM NATUREZA E GENEALOGIA DA DECADÊNCIA HUMANA

Com efeito, Rousseau, em seu *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* (1755), expõe, desde a primeira parte de seu discurso, a retomada daquela que será sua tarefa mais fundamental: investigar primeiramente a condição humana em sua natureza, em sua essência, mas ao fazê-lo introduz de imediato o conceito de meio ambiente como *conditio sine qua non* para sua realização. Poderíamos afirmar que para Rousseau, a natureza humana está intimamente conectada à natureza como um todo. Deste modo, tentaremos demonstrar que a perda de unidade para com a natureza, gera a ruptura do homem para com o que lhe é natural, a saber: com sua essência, o que, por conseguinte, faz com que se rompa simultaneamente uma harmonia interior que explicaremos posteriormente.

São nestes termos que se iniciará seu *Discurso sobre a origem e o fundamento das desigualdades entre os homens* (1755), obra onde Rousseau se esforça para caracterizar a psicologia do homem, intuindo que o homem age em razão de suas necessidades, sendo estas tão mais simples e relevantes para o bem viver quando naturalmente impostas, do que qualquer condição complexa adquirida e valorizada pela vida social posterior. A primeira fonte natural das desigualdades, da desarmonia, já se encontrava anunciada na obra anterior, sobre as ciências e as artes, e diz respeito ao privilégio dos talentos. Sobre as desigualdades naturais: a diferença de idade, de saúde e de força física, por exemplo, importa

Édition électronique, Vol. 1. 2011. p., 49. Tradução livre: “[...] mas desde o instante que um homem sentiu a necessidade do socorro de outro, desde que se percebeu ser útil a um só contar com provisões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos aprazíveis que se impôs regar com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas.”

12 Cf.: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* (1754). Les Échos du Maquis, Édition électronique, Vol. 1. 2011. p. 51.

13 Id., 2011, p. 48. Tradução livre: “Cada um começa a olhar os outros e a desejar ser ele mesmo olhado, e a estima pública passa a ter um preço”

pouco dizer. Isto na medida em que, concebidas como naturais, não se pode encontrar para elas outras fontes que não a natureza¹⁴.

Contudo, há outra forma de desigualdade, aquela a que Rousseau se refere como moral ou política, que consiste na discrepância de riquezas, de poder e de estima pública: onde cabe analisar as consequências do progresso que, ao cabo, submeteu a natureza à lei dos homens e que, a princípio, deve ter conduzido estes à sua própria dominação.

Como nasce, então, as outras formas de desigualdade com as quais nos defrontamos na realidade social? Sua fonte não pode ser outra que aquela primeira, fundadora da sociedade civil, não pode ser outra, portanto, do que o motivo pelo qual se pôde chamar algo que originalmente era de todos, como os frutos e a terra, por *meu* (*ceci est à moi*). Trata-se da ideia de propriedade - com a qual nasce a justiça - e cuja origem não pode deixar de implicar a mão-de-obra, único meio através do qual alguém pôde apropriar-se de algo que não produziu, mas em que trabalhou. Rompida a harmonia da natureza, exige-se a fundação do direito e, com o turno de novas formas de relação e das novas necessidades, os sentimentos de amor-de-si, vinculado à autoconservação individual, e a piedade, ligada à conservação da espécie, dão lugar ao amor-próprio, às leis e às distinções quanto à soberba e a autoestima.

Nestes termos, a humanidade vê esvaír sua liberdade harmoniosa e independente, conjugada apenas aos desígnios da natureza; dependendo da estima e do trabalho alheio, sujeita-se não mais à natureza, mas também aos seus semelhantes. O amor-próprio, poderíamos dizer, egóico, goza do respeito às honras, à riqueza e aos talentos, corresponde à vaidade, rompe com a estima pela igualdade natural entre todos. Deste modo, a harmonia aqui perdida coincide com a perda da felicidade, já que, para Rousseau, não há como atingir a felicidade sem a harmonia com a natureza.

En quoi donc consiste la sagesse humaine ou la route du vrai bonheur ? Ce n'est pas précisément à diminuer nos désirs ; car s'ils étaient au-dessous de notre puissance, une partie de nos facultés resterait oisive, et nous ne jouirions pas de tout notre être. Ce n'est pas non plus à étendre nos facultés, car si nos désirs s'étendaient à la fois en plus grand rapport, nous n'en deviendrions que plus misérables : mais c'est à diminuer l'excès des désirs sur les facultés, et à mettre en égalité parfaite la puissance et la volonté. C'est alors seulement que, toutes les forces étant en action, l'âme cependant restera paisible, et que l'homme se trouvera bien ordonné.¹⁵

14 Nas palavras de Rousseau: “*On ne peut pas demander quelle est la source de l'inégalité naturelle, parce que la réponse se trouverait énoncée dans la simple définition du mot.*” (*Id.*, 2011, p. 21) Tradução livre: “Não podemos perguntar qual é a fonte da desigualdade natural, porque a resposta parece encontrar-se na simples definição da palavra.”

15 ROUSSEAU, J.-J. *Émile ou de l'éducation*, Livre II. *Collection complète des œuvres*. Genebra, 1782. l'Association Les Birlapapey, bibliothèque numérique romande: <http://www.ebooks-bnr.com/>; Consultado no dia 17/04/2024. Tradução livre: “Logo, em que consiste a sabedoria humana ou o caminho da verdadeira felicidade? Não é precisamente em diminuir nossos desejos; pois, se eles estivessem abaixo da nossa potência, uma parte de nossas faculdades permaneceria ociosa, e nós não gozaríamos de todo nosso ser. Não significa, também, a extensão de nossas faculdades, pois se nossos desejos se estendessem, conjuntamente, para além delas, nós nos tornaríamos senão ainda mais miseráveis: mas é diminuindo o excesso dos desejos sobre as faculdades, e estabelecendo uma igualdade perfeita entre potência e a vontade. Somente assim, então, todas as forças estando em ação, a alma, no entanto, permanecerá em paz, e que o homem se encontrará perfeitamente ordenado.”

O estado anterior à sociedade é postulado por Rousseau como ficção filosófica ou hipótese de trabalho, não sendo a pretensão do autor que esta hipótese convirja com a verdade histórica dos fatos. Este procedimento, estranho ao modelo contemporâneo de produção acadêmica, não é injustificado¹⁶. O que importa é conhecer aquilo que originalmente constitui o homem, o que na humanidade há de certo e de invariável, pois apenas assim, buscando as primeiras e mais simples operações da alma humana, é que se poderia encontrar os verdadeiros fundamentos da lei natural.

É neste rumo que o filósofo não hesitará em desenvolver sua concepção de homem, apontando, já no prefácio da obra, que sua posição e seu desenvolvimento intelectual respondem diretamente ao consenso hegemônico de seu tempo, que reconhecia a lei como regra prescrita somente a um ser moral em suas relações com os demais, de modo que os autores e juristas precisavam recorrer a princípios complexos e metafísicos para fundamentarem as regras que, segundo esperavam, a prática universal conduziria ao bem¹⁷. Contrário a este método, Rousseau o denuncia como conveniente e arbitrário, defendendo que para fundar a lei não basta a vontade e a obrigação em submeter-se, pois se a lei é um consenso compartilhado, para que esta seja também natural, ela deve exprimir diretamente aquilo que de imediato encontra-se na condição da natureza, em essência.

São estas as motivações principais de Rousseau, assim como se encontram aí a justificativa para o emprego de seu método. É a partir destas exigências que o autor desenvolverá longos argumentos acerca do homem e de suas distinções, empreendendo, na primeira parte do *Discurso* (1755), uma argumentação que visa expressar as características que imaginava serem correspondentes ao estado de natureza.

Neste caminho, Rousseau observa que o homem, na natureza, encontra-se em face de igualdade com outros animais, mesmo que lhe falte força ou garras, não lhe faltam meios para adaptar-se às condições nas quais está lançado. As mazelas naturais da condição humana são, também, comuns a todos os seres animados. O autor refere-se à infância e à velhice, momentos do desenvolvimento em que o indivíduo pode não possuir todas as condições de levar a ato sua sobrevivência. Não está cumprida ainda a tarefa de distinguir as qualidades inerentes aos homens, assim como não restam esquecidos todos os outros modos com que o sofrimento defronta nossa existência.

Para Rousseau, então, o que diferencia o homem de outros animais não é aquilo que a tradição chamou de Razão. Para ele, a racionalidade é uma faculdade humana adquirida. O que diferencia o homem do animal, a princípio, é a liberdade. Apenas o homem é livre, ao menos no estado de natureza, pois apenas o homem escolhe segundo suas vontades e não por instinto. Se não fosse desta forma, portanto, o homem não poderia agir contrariamente às leis, nem incorreria em excessos danosos ao organismo - mas, efetivamente, o fazem; transgridem as regras e, por vezes, se deleitam com alimentos que atendem ao prazer, não ao bem estar do corpo: “[...] dissolus se livrent à des excès, qui leur causent la fièvre et la mort; parce que l’esprit déprave les sens, et que la volonté parle encore, quand la nature se tait.”¹⁸

16 Cf. ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*. Les Échos du Maquis, Édition électronique, Vol. 1. 2011. In.: *Prefácio*, p. 15-19.

17 Id., 2011, p. 17.

18 ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*. Les Échos du Maquis, Édition électronique, Vol. 1. 2011. p. 28. Tradução livre: “[...] dissolutos se entregam aos excessos que lhes causam a febre e a morte; porque o espírito deprava os sentidos, e a vontade fala ainda, quando a natureza se cala”

Rousseau discerne não poder dizer com clareza os meandros circunstanciais que levaram o homem a socializar-se, mas afirma, na primeira frase do *Contrato Social*¹⁹, que o homem encontra-se por toda parte agrilhado, preso como que a ferros. O que pôde levar-nos a este ponto? A liberdade, neste sentido, é fundamental. Sem liberdade o homem jamais burlaria os desígnios da natureza, mas isto não é suficiente, pois implica no poder de querer, não na capacidade de realizar - como o trecho retirado do *Emílio*²⁰ apontou quanto a confluência entre potência e vontade. O que, então, permite à espécie humana todas as realizações as quais conferimos ao nosso gênio? Para Rousseau, uma faculdade que, ao contrário da liberdade, é inquestionável, a saber: a *perfectionner*, perfectibilidade, a capacidade humana de transformar-se conforme as exigências circunstanciais, que permite aos seres humanos o desenvolvimento de todas as suas outras faculdades, como a linguagem, o entendimento, e assim por diante.

Trata-se de um ponto crítico na filosofia rousseauísta, e a forma como se define *perfectionner* demonstra a posição contra hegemônica do filósofo cuja época acreditava no progresso evolutivo da humanidade. Não se trata, conseqüentemente, da capacidade humana em aperfeiçoar-se. Tal conceito remeteria a uma circunstância onde o caminho para perfeição é destinado ao homem que, por exemplo, aproxima-se da divindade, pois desta recebeu as luzes que lhe possibilitam o uso da razão.

Em sentido semelhante, mas oposto, Rousseau concebe o homem como um ser inacabado - imperfeito - e que, portanto, precisa aprimorar-se. A perfectibilidade responde a isso, referindo-se a capacidade humana de transformar-se, tanto como indivíduo, quanto como espécie. Supor o contrário seria impor uma concepção estática de homem e de história, e crer na positividade desta transformação conduziria a uma concepção evolucionista - que não é o caso de Rousseau, que identifica na sociedade toda uma gama de necessidades não naturais, responsáveis pela depravação do homem em relação a sua própria natureza.

É neste sentido que Rousseau é levado a dizer:

Il serait triste pour nous d'être forcés de convenir que cette faculté distinctive, et presque illimitée, est la source de tous les malheurs de l'homme; que c'est elle qui le tire, à force de temps, de cette condition originaire, dans laquelle il coulerait des jours tranquilles et innocents; que c'est elle qui, faisant éclore avec les siècles ses lumières et ses erreurs, ses vices et ses vertus, le rend à la longue le tyran de lui-même et de la nature²¹.

O porvir da capacidade humana de *se perfectionner*, portanto, o “progresso”, não é evolutivo, mas assimilado à decadência ética e cultural. É em razão desta faculdade que nossa moral se transfigura; que o amor-de-si torna-se amor-próprio, que a comunhão dá espaço à posse, à propriedade e,

19 ROUSSEAU, J.-J. *Du Contrat Social ou Principes du Droit Politique* (1762). Bibliothèque Numérique Romande. E-book, 2015., onde Rousseau dirá: “L'homme est né libre, et partout il est dans les fers.” (*Id.*, 2015, p. 7). Tradução livre: “O homem é nascido livre, e por toda parte ele está a ferros”.

20 ROUSSEAU, J.-J. *Émile ou de l'éducation*, Livre II. *Collection complète des œuvres*. Genebra, 1782. l'Association Les Bourlapapey, bibliothèque numérique romande: <http://www.ebooks-bnr.com/>; Consultado no dia 17/04/2024.

21 ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*. Les Échos du Maquis, Édition électronique, Vol. 1. 2011. p. 28. Tradução livre: “Será triste para nós sermos forçados a convir que essa faculdade distintiva, quase ilimitada, é a fonte de todos os males do homem; que é ela que lhe tira, com a força do tempo, desta condição original, na qual ele passaria dias tranquilos e inocentes; que seja ela que, fazendo florescer com os séculos suas luzes e seus erros, seus vícios e suas virtudes, o torna ao longo do tempo tirano de si mesmo e da natureza”

por conseguinte, aos infortúnios da mão-de-obra e de sua exploração. É com alvorecer das luzes, com o esclarecimento da razão, que se aperfeiçoam as indústrias e que se fortalecem a dominação pelo direito e pela discrepância de riqueza.

Neste sentido, remetemos novamente à obra *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (1749) onde Rousseau defendeu que - apesar da distinta capacidade da razão humana - quando esta se destina, voluptuosa, às ciências, tende a causar mais mazelas do que benefícios; primeiro sustenta que a ciência e o gosto pelo conhecimento nasce e se nutre pela ociosidade, que não é uma comodidade natural do homem, mas adquirida pelo trabalho social; e, em segundo, que há uma clara desvantagem dentre o gosto pela ciência e pela teorização, a saber: de que a falsidade pode aparecer a partir de um número infinito de combinações, enquanto a verdade, por sua forma, aceita apenas uma única maneira de ser - sendo mais fácil incorrer em erro do que, com efeito, acertar.

Assim, a socialização implicou na aquisição desta consciência reflexiva que, com o amparo das paixões, fez a razão aperfeiçoar-se. Neste intercâmbio entre as paixões e a racionalidade, portanto, vê-se uma influência recíproca onde as primeiras conduzem às segundas, mas que, a segunda, conhecendo novos objetos e produzindo novas necessidades, acaba por inflamar as paixões ao lhes permitirem novos desejos. Foi deste intercâmbio que a humanidade viu nascer as ideias de mérito e beleza na medida em que os indivíduos passaram a apreciar uns aos outros; foi daí a origem da sociedade e das leis, que “fixèrent pour jamais la loi de la propriété et de l’inégalité, d’une adroite usurpation firent un droit irrévocable, et pour le profit de quelques ambitieux assujettirent désormais tout le genre humain au travail, à la servitude et à la misère.”²²

Eis o pacto civilizatório; o caminho histórico do progresso da sociedade ocidental. As paixões e o conhecimento distanciaram-nos da natureza; as mesmas faculdades desenvolveram a ciência e a indústria. O desejo, constantemente renovado, ancora-se nos vícios e na propriedade; o consumo cifra o progresso social da política, e a apreciação mútua, radicalizada pelas tecnologias digitais, fizeram das imagens e representações de si, talvez, uma forma de objetificação da personalidade individual, expostas no *perfil* de cada usuário das redes sociais. Assim, se uns submetem-se, para sua subsistência, à servidão, se alguns alienam sua liberdade aos senhores, estes alienam a mesma em seus vícios: na ganância, no orgulho, no luxo e na honra. Ambos se encontram infelizes, e os costumes, via de regra, tendem a promover tal devassidão. Tendo adquirido tais noções, que Rousseau adverte não terem base direta na experiência²³, o homem social vê-se engajado na constante reprodução destes valores; nascem a vaidade, o desprezo, a vergonha e a inveja, e os primeiros deveres da civilidade concentram-se na necessidade de reconhecimento e de estima públicos - na transformação do amor-de-si para o amor-próprio, que toma o eu como compilado de suas honrarias e identificações.

22 *Id.*, 2011, p. 54. Tradução livre: “[...] fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, de uma sagaz usurpação fizeram um direito irrevogável, e pelo lucro de alguns ambiciosos, sujeitaram, daí por diante, todo gênero humano ao trabalho, à servidão e à miséria.”

23 Dirá Rousseau: “On s’accoutume à considérer différents objets et à faire des comparaisons; on acquiert insensiblement des idées de mérite et de beauté qui produisent des sentiments de préférence.” (*Id.*, 2011, p. 47 - 48). Tradução livre: “Nos acostumamos a considerar diferentes objetos e a fazer comparações; adquirimos insensivelmente as ideias de mérito e de beleza que produzem sentimentos de preferência” .

A tentativa de resolução dessa contradição em sua obra o *Contrato Social* na qual o amor próprio deveria ser transmutado em vontade comum (*volonté commune*), promovendo uma liberdade e uma harmonia suscetível de resgatar a *Eudaimonia* ou harmonia perdida, se solda por uma perseguição pessoal, o leva a reconsiderar o que era fictício como uma real possibilidade de retorno à natureza que nos levaria a uma harmonia com o meio ambiente.

III NATUREZA E FELICIDADE, OS DESIDERATOS DE UMA EXISTÊNCIA NA OBRA *LES RÊVERIES D'UN PROMENEUR SOLITAIRE*

Compreendamos: Rousseau, um filósofo cuja história de vida encarna conflitos pessoais e políticos - como apontado em alguns trechos deste texto - escreve três óperas magnas que são: *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes* (1755); *Du Contrat Social ou Principes du Droit Politique* (1762); e *Emile: ou de l'Education* (1762). No entanto, como dissemos anteriormente, desde a publicação do *Contrato Social*, no entanto, o autor foi perseguido por conservadores anti-revolucionários devido ao caráter subversivo de suas obras. Neste momento, Rousseau foi obrigado a exilar-se da França, mudando-se para a Suíça até 1769. Durante esse tempo ele escreve duas importantes obras de caráter autobiográfico: *Les Confessions* (1782) e *Les Rêveries d'un Promeneur Solitaire*²⁴ (*Devaneios de um Passeante Solitário*). Neste momento ocuparemos-nos desta última, pois nela verifica-se o retorno das questões acerca da natureza e do meio ambiente, com nuances filosóficas necessárias para a concepção rousseauísta da natureza como possibilidade de um retorno à harmonia perdida.²⁵

Les Rêveries d'un Promeneur Solitaire foram redigidas de maneira intermitente entre 1776-1778, cujo gênero literário pode ser qualificado de ensaio autobiográfico. Os principais temas abordados nesses passeios são: a natureza, o sentimento de abandono e solidão, a corrupção dos deveres, a felicidade e o devaneio enquanto recurso reflexivo-imaginário. É importante notar que quando escreve *Les Rêveries d'un Promeneur Solitaire*, Rousseau se encontra em Ermenonville, próximo de Paris. O livro é composto de dez passeios, que narram os devaneios do passeante solitário que ele se tornou no fim de sua vida. Trata-se, portanto, de rememoração, cujo objetivo além da manifestação do abandono, serve também de comemoração dos momentos felizes.

O *quinto passeio*, o mais célebre dentre os 10 passeios que formam a obra, é o que mais nos interessa. Isto devido ao tema tratado neste capítulo que se dedica a pensar o contato do ser humano com a natureza. Ele narra de maneira “fenomenológica” os momentos que experimentou na ilha de Saint Pierre, no centro do Lago de Bienne, onde, em contato com a natureza, vivera, segundo ele, os dias mais felizes de sua inteira vida.

Ele tem como tema central a felicidade, homeostasia ou harmonia, a partir de uma narrativa próxima de uma “fenomenologia sem *epokhè*”, na qual a natureza é apresentada como uma espécie de abrigo da sociedade, e o amor-de-si reencontrado como prazer de uma vida sem o tormento contínuo do jugo alheio e das pressões sociais. Para além de um simples refúgio, portanto, a obra tem como

24 ROUSSEAU, J.-J. *Les Rêveries d'un Promeneur Solitaire*. In Collection complète des oeuvres. Genève, 1780-1789, vol. 10, 2012.

25 Cf. ROUSSEAU, J.-J. *Les Rêveries d'un Promeneur Solitaire*. In Collection complète des oeuvres. Genève, 1780-1789. Vol. 10, 2012.

finalidade defender uma tese ainda mais fundamental: é em contato com uma natureza preservada que o ser humano (re)encontra seu conforto e paz. Assim, o cuidado e a beleza com que Rousseau descreve detalhadamente os elementos da natureza constituem a mediação escolhida por ele a fim de expor uma liberdade sublime e divina, pois colocar-se ao abrigo das tensões e pressões sociais, se nos apresenta como o único meio para uma verdadeira contemplação, é também o lugar de encontro possível com seu verdadeiro eu - despojado dos deveres do amor-próprio.

Por conseguinte, tendo como plano de fundo as aflições e alegrias narradas e rememoradas por Rousseau, na contingência de sua vida individual, várias teses filosóficas fortes apresentam-se em seus devaneios, ao passo que devemos apreciá-las:

a) A primeira delas é que não há outra possibilidade de o ser humano encontrar uma homeostasia, a não ser pelo retorno a uma natureza preservada. A insistência do estado de preservação da ilha de Saint Pierre constitui a prova:

Je suis ce qu'il plaît aux hommes tant qu'ils peuvent agir sur mes sens ; mais au premier instant de relâche, je redeviens ce que la nature a voulu, c'est-là, quoi qu'on puisse faire, mon état le plus constant et celui par lequel en dépit de la destinée je goûte un bonheur pour lequel je me sens constitué. J'ai décrit cet état dans une de mes rêveries; il me convient si bien que je ne désire autre chose que sa durée, et ne crains que de le voir troublé²⁶.

b) Por outro lado, Rousseau, inspirado por Heráclito, descreve no nono passeio que a natureza é *Physis*, ou seja, como o fluxo incessante, ininterrupto e impermanente, onde nada dura e onde a felicidade é impossível.

Le bonheur est un état permanent qui ne semble pas fait ici-bas pour l'homme. Tout est sur terre dans un flux continuel qui ne permet à rien d'y prendre une forme constante. Tout change autour de nous. Nous changeons nous-mêmes et nul ne peut assurer qu'il aimera demain ce qu'il aime aujourd'hui²⁷.

Como, então, conciliar as teses 'a' e 'b'? Na primeira o autor descreve esse momento de felicidade como estado simples e permanente, mesmo que ele se encontre próximo à cidade de Paris, já anos após essa experiência. Na tese 'b', por sua vez, ele enfatiza o caráter incessante do movimento natural em que estão lançados os homens e que lhes conduz ao fardo da infelicidade. A resolução dessa oposição implica uma terceira tese, 'c', de ordem psicológica e não mais cosmológica.

26 *Id.*, 2012, p. 59. *Oitavo Passeio*. Tradução livre: "Eu sou o que agrada os homens enquanto eles podem agir sobre meus sentidos; mas, no primeiro instante de descuido, eu me torno aquilo que a natureza quis de mim, é lá, independentemente do que façam, meus estados mais constantes e aquele pelo qual, malgrado o destino, eu experimento uma felicidade para a qual eu fui constituído. Eu descrevo este estado em um de meus passeios [Quinto passeio]; ele me convém tão bem que não desejo outra coisa que sua duração, e temo apenas vê-lo perturbado."

27 *Id.*, 2012, p. 60. *Nono passeio*. Tradução livre: "A felicidade é um estado permanente que não parece ser destinado ao homem terreno. Tudo sobre a terra é num fluxo contínuo que não permite que nada tome aqui uma forma constante. Tudo muda ao nosso entorno. Nós mesmos nos mudamos e ninguém pode garantir que amanhã ele amará o que ele ama hoje."

c) O homem graças às faculdades da memória e da vontade constitui em uma cidadela interior uma liberdade intransponível. É este o esforço que se verifica no próprio ato de redação dos passeios, que indicam a busca e a preservação imaginária dessa liberdade tão prezada por Rousseau - um estado de interiorização do sentimento e de indiferença frente aos infortúnios exteriores.

Neste sentido, duas passagens merecem nossa atenção. Inicialmente trata-se de um trecho que abre o primeiro passeio, que fora dedicado à descrição do estado em que se encontrará Rousseau ao ver-se rejeitado pela opinião pública, indicando o que intencionava realizar como reação a este escárnio: estudar a si-mesmo, no gozo de sua própria existência. Em seguida, retomamos uma posição exposta quatro passeios adiante, na quinta caminhada - quando o gozo existencial do amor-de-si encontra seu correlato no ambiente preservado de uma ilha.

Deste modo, diante da solidão e do sentimento de injúria recebido por seus contemporâneos, Rousseau situa os contornos de sua libertação:

Qu'ai-je encore à craindre d'eux puisque tout est fait ? Ne pouvant plus empirer mon état, ils ne sauraient plus m'inspirer d'alarmes. L'inquiétude et l'effroi sont des maux dont ils m'ont pour jamais délivré.²⁸

Trata-se da aquisição de uma quietude, da superação de medos cujo assombro imaginário conduz a sofrimentos ainda maiores do que implicam quando adquirem realidade; em termos contemporâneos, trata-se da superação de um pensamento ansiogênico.²⁹ Uma quietude, portanto, que corresponde ao distanciamento do olhar alheio e ao afrouxamento do amor-próprio, exigindo uma nova posição diante do mundo, onde o reconhecimento não passa pela aparência ou pela estima interpessoal, e o fluxo constante de trabalhos e objetos que capturam o interesse humano cessam de construir as representações apropriadas para a finalidade da vida - a identidade deixa de ser predicada por posses e honrarias, concentrando-se, talvez, nos prazeres e virtudes que balizam a existência

Seguindo para o quinto passeio, Rousseau aborda frontalmente a aparente contradição para se atingir a felicidade, cujos fatores em questão dizem respeito à vida social, à necessidade de contato estável com a natureza preservada e o caráter evanescente da experiência. Deste modo, tratando do cosmos como fluxo incessante e efêmero, Rousseau se coloca a seguinte questão: *“De quoi jouit-on dans une pareille situation? De rien d'extérieur à soi, de rien sinon de soi-même et de sa propre existence, tant que cet état dure on se suffit à soi-même comme Dieu.”*³⁰

28 *Id.*, 2012, p. 4. *Primeiro Passeio*. Tradução livre: “O que tenho ainda a temer deles, vez que tudo está feito? Não podendo mais piorar meu estado, eles não poderiam mais me suscitar alarmes. A inquietude e o medo são os males dos quais eles me libertaram para sempre.”

29 Cf. Organização Mundial da Saúde. Classificação Internacional de Doenças - mortalidade e morbidade estatísticas (CID-11). Vol. 11, 2024. Disponível em: <https://icd.who.int/browse/2024-01/mms/pt#1336943699>. Acessado em: 18/05/2024. Onde verifica-se quanto ao medo e à ansiedade: “Medo e ansiedade são específicos intimamente relacionados; O medo representa uma ocorrência à percepção de ameaça iminente no presente, enquanto a ansiedade é mais orientada para o futuro, referindo-se à percepção antecipada de ameaça.” A preocupação excessiva geralmente está relacionada ao contexto da saúde, à família, ao trabalho e à escola, intimamente relacionadas às exigências sociais - similar, portanto, com a narrativa rousseauista.

30 *Id.*, 2012, p. 36. *Quinto passeio*. Tradução livre: “Do que deleitamo-nos em uma tal situação? De nada de exterior a si, de

Em suma, Rousseau nos apresenta o contato com uma natureza preservada como o lugar de refúgio da sociedade, mas também como fonte de reconforto e paz, condições para uma vida feliz. Esse contato com a natureza e a solidão relativa que a acompanha constitui, paradoxalmente, um momento de contemplação exterior que ao mesmo tempo nos remete a nossa própria existência interior fazendo com que nós encontremos nosso verdadeiro eu. Deste modo, portanto, afastado do fluxo incessante de afazeres com os quais os seres humanos se ocupam socialmente; apartado da apreciação pública, no que ela conduz à falsificação do amor-de-si pelo amor-próprio; e, então, desfigurando-se às exigências sociais de estima, produção e apropriação, a felicidade torna-se um estado de autossuficiência permanente, cuja existência pouco deve ao êxtase das paixões consumíveis, ao labor e às posses. O débito é para com a natureza, cuja harmonia por nós subtraída configura-se como a dívida por sua expropriação e exploração de recursos, ao custo mesmo de assegurar a dominação e a manutenção do lucro como virtude individual.

REFERÊNCIAS

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes (1754)**. Les Échos du Maquis, Édition électronique, Vol. 1. 2011.

ROUSSEAU, J.-J. **Discours sur les Sciences et Les Arts (1750)**. Les Échos du Maquis, Édition électronique Vol. 1. 2011

ROUSSEAU, J.-J. Émile ou de l'éducation, Livre II. **Collection complète des œuvres**. Genebra, 1782. l'Association Les Bourlapapey, bibliothèque numérique romande: <http://www.ebooks-bnr.com/>; Consultado no dia 17/04/2024.

ROUSSEAU, J.J. **Du Contrat Social ou Principes du Droit Politique** (1762). Bibliothèque Numérique Romande. E-book, 2015.

ROUSSEAU, J.-J. Les Rêveries d'un Promeneur Solitaire. **In Collection complète des œuvres**. Genève, 1780-1789, vol. 10, 2012.

Organização Mundial da Saúde. **Classificação Internacional de Doenças - mortalidade e morbidade estatísticas** (CID-11). Vol. 11, 2024. Disponível em: <https://icd.who.int/browse/2024-01/mms/pt#1336943699>. Consultado 18/05/2024.

nada, senão de si mesmo e de sua própria existência, enquanto este estado durar nós somos autossuficientes como Deus.”